



Cabelos fortes, abundantes limpos e sedosos, CINQUENTA ANOS DE CREDITO BEM JUSTIFICADO PERMITE AFIRMAR QUE O

Tonico Amarello com sello **Viteri** Preparado desde 1881 pela PHARMACIA BARRETO, suspende a queda do cabelo, promove o seu crescimento, dá-lhe flexibilidade e evita a queda do cabelo, o pentado das senhoras. Regenera a cor primitiva. Tira a caspa e limpa a cabeça de todas as substancias nocivas ao cabelo, impede a calvice, conserva os frisados e ondados. Não contém enxofre. Frasco 200 reis para loja de Lisboa mais 100 reis para porte e registro. Depósito geral

VIGENTE RIBEIRO & C.^a - 84, R. Panquetos, 1.^o - LISBOA

CRÈME SIMON

PARA
conservar ou dar
ao rosto

**FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.**



Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosfera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème Simon**, preparados com glicerina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, Paris 1900

J. SIMON, 59, rue du faubourg **PARIS** 40^e
Saint-Martin

PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabellereiros.

Desconfiar das Imitações.

Comprem os
Bordados

Schweizer

franco de porte a domicilio

Vestidos Blusas
desde Fr. 11.80 desde Fr. 3.95

Vestidos para Crianças
desde Fr. 5.90

No melhor bordado suíço sobre cambráia, voile, crêpon, toile e sobre sedas novidade. Peçam, a nossa colleção 22 de figurinos novos com amostras bordadas.

Os nossos bordados são por fazer, mas remettemos os padrões cortados em todas as medidas a quem os requisitar.



Schweizer & Co. Lucerne, Suíça

**Perfumaria
Balsemão**

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

**PARA
QUE
VIVER?**

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegrias, sem felicidade, quando é tão facil obter fortuna, saúde, sorte, amor, correspondido, ganhar aos jogos e loterias, pedindo a curiosa brochura gratis, em portuguez, do professor **YTALE**, 35, Boulevard Bonne-Nouvelle, 35 - PARIS.

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME

Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das ciencias, quimicas, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenligny, Madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos.

tos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão, Italiano e hespanhol. Das consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 18000 reis, 28500 e 58000 reis.

SOIS BAIXA mas podés crescer **SETE CENTIMETROS** em **DOIS MEZES**.

Itaia consagrar 5 minutos cada dia ao **GRANDISSEUR DESBONNET**, o maior descobrimento do século em materia de cultura física. Pode-se crescer em toda a idade como o prova a experiencia feita perante a Corporação Médica pelo professor Desbonnet que tem feito crescer diversas pessoas de 40 anos sete centímetros em tres mezes sem droga e sem nenhum exe ciclo perigoso de enforcamento. O aparelho e o método completo são enviados francos e porte ao domicilio contra remessa de quarenta francos dirigidos a Mr. Desbonnet, 48 (N), Faubourg Poissonnière, Paris (France).



Tem-se vendido este ano em Portugal mais de 180 aparelhos. INCREDULOS seréis convencidos lendo o folheto explicativo illustrado (enviado gratis).

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

30-3-1914

N.º 423

O «Greco»

Realizou-se hontem em Madrid a comemoração do quarto centenário da morte do célebre pintor Doménicos Theotocópuli, *El Greco*, que foi em Veneza discípulo de Ticiano, em Hespanha precursor de Velasquez, e cuja obra, desde o retábulo do *Enterro do*

Conde Orçaz até ás agiografias, está despertando n'este momento um vivo interesse. Discutem-se, por toda a parte, entre medicos e entre artistas, as causas que levaram o *Greco* a visionar e a reproduzir constantemente o tipo humano n'uma figura

alongada, esticada, aguda, de mãos pitecoides e craneo de microcéfalo, a que se convencionou chamar—«figura grecoide». O illustre prof. Ricardo Jorge, no seu recente e admiravel trabalho, aproxima a arte de Doménicos Theotocópuli da arte do louco. Autores recentes

atribuem a deformação das figuras do *Greco* ao pretendido astigmatismo do artista. Mas esta ultima tentativa de explicação cae pela base: se o pintor visse deformado o modelo, o seu próprio erro de visão leval-o-hia a reproduzil-o exato na tela.



Pasteis envenenados

Os *habitués* dos chás das cinco indignaram-se por ahí com varias confeitarias onde a policia apreendeu bolos com substancias nocivas á saúde. Não vejo, francamente,

grande motivo para isso. Pois com que queriam elles que fossem feitas essas pequeninas monstruosidades da pastelaria moderna, subtis, artificiaes, ténues, transparentes, complicadas como joias, coloridas como pedras preciosas,—senão com venenos de toda a ordem? Quem lhes meteu na cabeça que esses produtos de



arte decorativa que se vendem nas confeitarias são para ser comidos? Quem os mandou devorar gulosamente uma coisa que—como o grande Turgot dizia dos fazoés—foi feita apenas para se vêr?



No Conservatorio

No salão do Conservatorio, diante de uma tapeçaria de Arrás picada de ouro, surgiram hontem, com o mestre do teatro portuguez seiscentista, D. Francisco Manoel de Melo, as grandes figuras da musica franceza, alemã e italiana do fim do seculo XVII,

—Rameau, Gasparini, Scarlati, Bach, Lully. Os trios, as pastoraes, as chacoinas dançaram levemente nos cravos e nos violinos. Ondularam cabeleiras sobre mantéus finos de Holanda. Passaram berlindas doiradas n'uma névoa de sonho,—e «D. Gil Cogominho», pae do *Bourgeois Gentilhomme*, disse-nos ao ouvido as palavras de Moliè-



re: «*C'est une étrange entreprise que celle de faire rire les honnêtes gens!*».

«Excentricos»

Ha tanto de voluptuoso e de doloroso na criação do primeiro livro,—que, em geral, amando toda a nossa obra como paes, queremos ao primeiro livro como mães. Quando já se venceu e se olha para traz,—a obra inicial, primeiro sorriso e primeira lagrima, aparece-nos na poeira luminosa do tempo, como um adeus eterno á mocidade. Sousa Costa devia ter seguido com ternura a reimpressão dos *Excentricos*. Livro de estreia, ha n'ele já alguma coisa da exuberancia torrencial, da eloquencia impetuosa, das largas orquestrações, do forte poder de pintura que caracterizam hoje a prosa do illustre escritor,—ao mesmo tempo tumultuosa e dextra, convulsiva e ardente, abundante e segura.

JULIO DANTAS.

(Ilustrações de Hypollite Colomb).





Ô MITSU-SAM

(Mademoiselle Resplendor da Aurora)

RECEBERA-MOS or-dem de re-gres-sar a Lis-boia. O'Mitsu nada sa-

bia, e eu cuidadosamente lhe ocultei a triste noticia, até áque-la noite da antevéspera da larga-da em que me decidi a confessar-lhe a amarga verdade.

Ela era tão gentil a pobresita, e tinha ainda mais gentil sido para mim durante aqueles curtos mezes, que eu também sentia uma penosa impressão ao deixal-a—quem sabe?—talvez para nunca mais a vêr...

Pobre O'Mitsu! Aquela primeira entrevista, em que um trem a esperava perto do Yang-Tsé-Poó, e em que ela meio tremula, meio sorridente, me apareceu com o seu mais rico Kimono, o mais recamado de macacos e cegonhas que ela possuía, e com um obi de seda azul rebrilhante, n'um grande laço dado nas costas, os *guettá* de charão, muito polidos, a fazerem *toc toc* na calçada, toda aquela aventura meio pequenina, meio criminosa, me fazia já saudades... E criminosa aventura, porque aquela vil e deliciosa creaturinha, de olhinhos graciosos de gato, não era um modelo de fidelidade para aquele com quem comera o primeiro arroz conjugal...

O que vale é que aquele delitto era todo *mignon*, pequenino, japonéz, pois caberia todo no canto d'uma vareta de legue...

Pobres corinas corridas, discretamente, fomos de longada, inconscientemente, até Geissfield. Sentada a meu lado, exotica, toda seda e graça, as mãositas de deusa, tremulas, ela perguntára-me, quando já nos afastáramos da cidade e os campos esmeraldinos de arroz bordavam a estrada, os olhinhos cheios de uma linda tristeza, que nós japonezes até parece riso:

—*Wastakushi, uá uá u des ka?*

—Credo! Nem pensar n'isso! Ela uma imprudente! Que ideia! Um pequenino passeio, uma chavena de chá, na casa das Borboletas Brancas, e depois gentilmente voltaria para a sua casinha sem que ninguém soubesse nem suspeitasse...

Apean-os então no suburbio pitoresco, a passear um pouco por entre o arvoredo, emquanto o sol morria no horizonte afogado em sangue...

Algumas *chayás*, havia por ali, para a *jeunesse dorée* niponica vir passar

umas horas de esturdia. *Musumés*, criadinhas, todas frescas e risonhas cumprimentavam-nos de longe, com muitos delicados ademanos, ás portas das casinhas de chá, locandas singulares, com jardinetes em volta...

Um *mousko*, de quatro a cinco anos, com grandes mechas caídas sobre a testa, anafado, veiu dar um molho de rosas e lírios roxos a O'Mitsu... Um *dollar* me custou a generosidade, pois que ela correspondeu gentilmente mandando-me pagar...

Estava linda a minha japonezinha borboleteante e quando emfim nos dirigimos para uma das *chayás*—O'Mitsu exclamou com um grande sobresalto infantil apontando com o dedito:

Nauto kirei, deud arimasen-ka?

Ela tinha razão. Era lindo. A Chay-á tinha nas trazeiras um lago, por onde entrava uma ponte, e onde eram os gabinetes para tomar chá, de paredes pinturiladas.

Da agua, aqui e ali, emergiam ilhotas, com flores delotas, grandes, semi-abertas, cor de roza... Nas marges um bambual em miniatura, artificial, mas artistico, limitava a lagoa, elegantemente enfeitada... Deram-nos um saiaósinho, de paredes de papel, retesado, oleado, como a pele dum tambor. No chão—o *tatami*—de palha finíssima estofado, duas almofadas de veludo negro, para sentar de pernas cruzadas. Por mobilia um pinheiro de dois palmos a um canto... Na parede, pintadas, uma lua refletida n'um rio, um bando de cegonhas passando, uma rá de bocarra aberta... Nada mais. Com a minha pequenina O'Mitsu de Kimono, n'esta pequenina casa, junto d'aquela pequenino pinheiro ao pé d'aquela pequenina paisagem, um momento quasi me cheguei a julgar morador, n'algum piresito de loiça dourada de Satsuma.

Criadinhas, risonhas, vieram saudar-nos—

子桑様
小説のたらし人
ころ様

葡萄牙



massadoras—ajoelhando em grande reverencia, até tocar a fronte no chão :

—*Minasan, komban ua!*...

Nós agradecemos muito a saudação gentil, mas queremos chá, castanhas em mel, bombons, muito, muito depressa, e que nos deixassem sós, caramba!...

E depois de collocarem a bandejinha de chá-rão com duas chavenas como dois dedos, um bule do tamanho de uma laranja, o pote das brazas, o tabaco, o cachimbo, retiraram-se por fim ás recuadas, com muitas mesuras e risos.

Tomamos chá, fumamos o pouco. O'-Mitsu sorria quando eu lhe dizia frases japonezas candentes, em que a gramatica soffria avarias irreparáveis, e os seus olhitos obliquos tinham um tom ironico quando ella murmurava :

—*Shidzu, ka ni nasai!*

Eu então estava queto e calado, um momento, mas O'-Mitsu era um serafim, e quando um d'estes puros seres desce a uma chaya, tem que perder as brancas e impeccaveis plumas...

O'-Mitsu caiu, japonicamente, toda pequenina, toda *mignon*, toda boneca, com uma frase a

O'-Mitsu morava n'uma casa pequenina como ella, ao fundo d'um corredor ajardinado, n'uma das travessas da concessão americana.

Era ali que ella se entregava aos seus devaneios poeticos, pois me esqueceu dizer que a minha linda japoneza fazia versos, era poetisa e com fama! O *Shang-hai Nippé*, o *Shimbun*, e outros jornaes eram honrados com as suas obrasitas poeticas, pequeninas como O'-Mitsu, poesias de tres versos, mas ao que parece muito niponicas e conceituosas e cheias de graciosidade...

Uma d'ellas, rabiscada em dois palmos de papel de arroz, escrita entre o desenho d'um bando de patos voando sobre um juncal e uma montanha verdejante, tenho eu agora diante dos olhos, escrita em letras de caixa de chá, desgrenhadas, mas muito chics, que ella me dedicou e que ella escreveu levemente com o seu pincel molhado em namkim, com a sua mãozinha pequenina e divina...

Na noite seguinte, acompanhado do meu camarada C. M.—em quem eu mal sonhava o heroe de uma revolução—e que fôra a meu convi-



apagar-se-lhe na garganta, a mesma em todas as linguas, e das mesmas occasões :

—*Yé, Yé, Keshité arimesen!*...

—Não, não, nunca! Pobre O'-Mitsu! Como a saude d'essa deliciosa tarde tepida, como o ar afogado do crepusculo, n'aqueia esquisita casa das Borboletas Brancas, perto d'um lago cheio de lotus sagrados, me invadia já, e com elle se me tornava mais agudo, mais angustiante, então, quando a ia deixar talvez para nunca mais lhe falar, para nunca mais a vêr...

Quando a encontrei n'essa noite, como de costume, enchi-me de coragem e, abruptamente, annunciei-lhe que ia a Hong-Kong, mas que voltaria... Ella sorriu, sorriu sempre e nem o mais leve sinal de tristeza. Ficaria desapontado se eu não conhecesse as minhas *musumés* e as não visse sempre sorrir na alegria, nas angustias mais cruéis, sempre com um grande ar inconsciente e infantil...

—A'manhã vem a minha casa tomar chá. Quero-me então despedir e dar-te o meu retrato...

te e com aquiescencia d'ella, fui despedir-me.

O'-Mitsu n'esse noite estava um tanto soturna. Sentámo-nos no *Tatami*, nas almofadas de veludo negro. Uma criadita serviu-nos o chá, os bon-bons e os cachimbos com o tabaco loiro... Conversou-se. Ella sabia de Portugal o que os ideogramas do seu paiz dizem da nossa terra em lingua niponica: *leria dos marinheiros do Occidente*—e como eu lhe repetisse que ia para Hong-Kong, ella abanou a cabeça e mostrando-me vagamente as varetas de bambu coloridas dos presagios, acrescentou:

—Eu sei que vas para a tua terra. Tinha-me apparecido um rato branco em casa ha dois dias... E' a alma d'um noivo que eu tive e que dá as más novas ao meu coração...

E metendo a mão no seio tirou do kimono um retrato, o d'ella, e deu-m'o. E' como se fôra a minha alma que te desse; nunca o desprezes...

Mas a casa fôra-se enchendo pouco a pouco de fumo odorifero, muito agradável... Então reparei que junto a Amida Butsu, de pernas cruzadas e olhos perdidos nas regiões ultra-abs-tratas e metafisicas do Nirvana—o Budha, doi-

rado — ardiam os palitos de benjoim perfumado, oferta graciosa feita em nossa intenção...

Pobre O-Mitsu San, tão gentil, tão exótica, tão japonesa. Depois, como se aproximava a hora de saída, ela foi buscar o *Koto* — piano japonês — especie de harpa traste e soluçante, tocada com umas unhas de tartaruga muito grandes.

Poz o instrumento no *Tatami*, desfez a trança do seu cabelo negro, que lhe tapou o rosto em sinal de dôr, e começou cantando uma coisa que devia ser muito artística, muito delicada, muito rara... Uma canção que às vezes parecia um miado, mas um miado dulcíssimo, um miado de gatinha triste e amorosa, um miado de coraçãozinho japonês cheio de saudade e de tristeza. Pedia a Ame-Terace, que o céu nos fosse sempre lindo na viagem, que as ondas fossem para nós como pensamentos de mulher amante, que toda a Natureza fosse para nós

cheia de ternuras, como o seu coração o era n'aquela hora... Despedimo-nos com grande magia...

Tenho ainda uma sua carta de tres palmos de comprimento, gentilmente garatujada, recebida aqui em Lisboa, e toda recheada de pensamentos lindos e pequeninos, preciosos e minúsculos, mimos em miniatura, como charões, em que em um d'elles me compara a um rato de luz depois de refletido pela neve branca... Eu percebi... por estar escrito em japonês, é claro... Pobre e linda O-Mitsu, minha pequena japonesa, minha graciosa boneca, toda de seda e graça!

...O que às vezes me faz pensar é aquella historia do rato branco...

Lisboa.

FRANCISCO TRANCOSO.



A MORTE DO DIRETOR DO "FIGARO"



Madame Caillaux

(«Cliche» M. Branger).

Madame Caillaux que assassinou o diretor do *Figaro* o ilustre jornalista Gaston Calmette, recolheu á prisão de Saint Lazare, estando a ser instruído o seu processo entre as mais acaloradas campanhas d'imprensa e a mais acesa batalha da opinião publica. O enterro do jornalista foi o pretexto para manifestações contra Caillaux que viu perdida a sua carreira politica e a mulher estremeçada n'uma violenta paixão.



O enterro do diretor do «Figaro», o ilustre Jornalista Gaston Calmette, ao qual assistiram mais de 200.000 pessoas.—(Cliché Central Photos)



O concerto na sala de Portugal da Sociedade de Geografia, no qual se realizou a audição da pianola da Acollan com o concurso da orquestra dirigida pelo ilustre maestro Pedro Blanch («Cliché» Benolle)



SONETO

Eu despertei d'um sonho oriental
Passado n'um paiz exuberante :
Eu era o rei e tu a imperante
E tinhamos um paço de cristal.

Em berlinda faustosa e rutilante,
N'um langoroso idilio conjugal,
Percorremos a nossa capital
Ao som d'um hino márcio e triunfante.

Na rua a plébe, em casa os catuaes,
Deitando fumo d'opio em espiraes,
Iam soltando vivas á rainha.

E tu com a mão prodiga e bemdita
Contentavas a multidão aflita
Dando esmolas á gente pobresinha...

Lumiar, 4 de Março.

OTAVIO AGUIAR DE MEDEIROS.



As Atrizes Italianas e o Casamento



Inez Cristina

UM CURIOSO INQUERITO... QUE NÃO LEVA A CONCLUSÕES

Devem casar? Não devem casar

As discussões que se levantam com frequência em volta do teatro, considerando-o como «arte» como «interpretação» ou simples «exibição», não deixam de fornecer abundante matéria para despertar o interesse do publico.

Em verdade o publico não se satisfaz com a chronica d'um espetáculo ou com a critica d'uma peça: procura sempre, não só deavassar a chamada «vida de bastidores» e até a vida intima das pessoas mais em evidencia n'esse curioso mundo ficticio, mas ainda conhecer os seus habitos, as suas predileções o saber até o que elas fazem, dizem... e pensam!

Já no seculo XVII Diderot, o severo e arguto autor da «Enciclopedia», no seu celebrado «Paradoxo sobre o ator comico», reunia e comentava os juizos de todos os mais notaveis atores quanto ás questões que se relacionam com o teatro. Pareceu-nos tambem oportuno averiguar a opinião das mais aclamadas e intellectuaes atrizes italianas acerca da tão debatida questão, que se anuncia assim:—«as atrizes, tendo em vista as exigencias da sua arte, devem casar-se?»

Dirigida a pergunta, um tanto indiscreta, a muitas das deliciosas creaturas que, na cena, nos transmitem inumeras comocões e inspiram os mais estranhos sentimentos, para que nos confiassem sobre a sempre momentosa questão o seu parecer, «algumas» (a atriz é naturalmente preguiçosa em escrever) dignaram-se acudir á nossa chamada.

A loira e formosissima Lydi Borelli—«a fada do sorriso luminoso»—ainda tem fé no celibato! A encantadora atriz, exprime-se assim:

«Eu creio que uma atriz não se deve casar, sobretudo nos

primeiros anos da sua carreira. O publico é um «patrão» muito amavel, mas extraordinariamente cioso, exigindo da artista tudo aquilo que lhe pôde dar em sensações e energia; ora os cuidados e as preocupações de familia absorvem-n'a em detrimento da arte... E', porém, certo que a atriz, fóra de cena, é uma mulher com sensações e sentimentos eguaes aos das mais pacificas burgoezas—e tem, como estas, direito á felicidade—Portanto... a questão continua insolúvel como todas as questões em que entra o amor.»

Tilde Teldi, a delicada e sugestiva atriz dramatica, é mais explicita.

Levar-nos-ia á conclusão de que aprecia «muito mal» os homens... se não nos lembrassemos de que é casada.

Exprime-se assim sem preambulos:

«Considero impossivel conciliar, no mais alto e consciente significado da palavra, os indeclinaveis deveres da atriz e de esposa -- e por variadissimas razões... que não é facil desenvolver. São tão diversos esses deveres como são diversos os «ambientes» do palco e o da familia.

Uma só creatura não é suscetivel de assumir tantas responsabilidades. A atriz censuraria sempre «alguma coisa»



Maria Malato



Tereza Franchini



à mulher e... vice-versa. Para evitar desagradáveis conflitos separemos a «atriz» da «mulher» e andaremos com prudência».

Tildi Leldi fechou a sua resposta com espirito e com malicia, mas é possível separar a «atriz» da «mulher»? Parece-nos tal «operação» só possível em teoria...

Gèa Garisenda, uma das rainhas da opereta em Italia, hesita...

«E' um problema — diz ella — que as mulheres (e entre as mulheres figuram as atrizes) só podem resolver-se «caso por caso». E' afinal, questão de temperamento e de gosto, ou melhor, de «bom gosto». Estabelecer uma regra unica e absoluta seria inutil... e perigoso. Não me parece, não obstante, que uma artista dramatica, ou de qualquer outro genero, não possa ser esposa feliz».

Adelina Magnetti, a illustre estrela napolitana, que, pela sua arte inconfundivel, conseguiu revelar autores quasi ignorados, declara :

«Uma atriz não deve casar-se. Se existisse em Italia o divorcio, eu não hesitaria, mas para gosar a ventura de o intentar no dia seguinte!»

Se «o estilo é o homem», Adelina Magnetti afirma maravilhosamente, com a sua feroz resposta, o seu caracter ardente e impetuoso.

Não é provavel que Adelina Magnetti experimente as doçuras da vida conjugal com tal opinião, ainda mesmo no caso de se instituir em



Lydia Borell

verdadeira artista deve dedicar-se inteiramente á sua arte e ao publico.

«O casamento pode prejudicar a sua atividade; mas se succede o contrario, o mal agravar-se-ha «n'outro sentido». Entretanto, a atriz é mulher como todas as outras... tem um coração, tem direito de gosar todas as alegrias e, por consequencia, tambem as da familia.

Não é facil conciliar as primicias da resposta que a endiabrada artista redigiu com as conclusões a que chegou.

Não concordam ?

Teresa Franchini, a meiga e sentimental atriz, que é, entre todas as jovens atrizes italianas, aquella que, com mais esperanças de ruído triumpho, tem abordado a tragedia classica, exprime-se com muitas retencions, tantas que não concretizam uma opinião. Adiante...

Alfonsina Pieri declara que «a artista dramatica póde escolher marido, mas só o deve aceitar quando se lhe depare um homem cujas exigencias não ofendam as exigencias da arte que ella professa».

Edvige Peinack concorda com a sua colega Teresa Franchini.

«Um marido — escreve — tanto pensa, que é preciso... que o não dispenses».

Convem notar que Edvige Reinach acertou na escolha, porque é seu marido o sempre simpatico e talentoso ator Reinach.

Etelvina Paoli, Virginia Reiter, Ines Cristina e Dela Guardia... guardaram sobre a eterna questão o prudente silencio de Conrado. Lá se entendem.

Maria Malato, talvez d'entre as atrizes italianas aquella que nos ultimos cinco annos a critica mais elogiou, dando logar ao seu excepcional temperamento, que a impõe para inter-



Tilde Teidl

Italia o divorcio. Iamos apostar... Ema Vecla, a consagrada creadora da «Viuva Alegre» na cena italiana, atriz cheia de graça, oginalidade e desenvoltura, entende que «a



pretar as «grandes amorosas» á maneira de Gauthier, Dumas, etc. e as maliciosas caricaturas de Gavarni, Flers, etc., expraiam-se em considerações.

El-las: «Eu creio—«diz ella»—que a atriz possa casar sem comprometer a sua arte; assim como estou convencida de que o casar lhe trará vantagens: sentir-se protegida, amparada, é sentir-se mais forte para vencer nas lutas que a atriz precisa treinar até atingir o seu «desideratum»—o ideal que a guia.

«O casamento não é talvez a expressão mais sublime do amor? Como poderá então prejudicar a artista dramatica que deve viver

intensamente, comover-se e, quando em cena, comover profundamente quem a ouve? A atriz tem de consagrar-se ao publico; mas, fóra da cena, em que a prejudicará, consagrar-se a um coração fiel e amigo, que a compreenda, a console na derrota e se congratule com ella sinceramente na victoria?

«E' difficil descobrir um marido que corresponda ás necessidades de galanteria que a atriz requer, mas se a encontra? Se o encontra «faz muito bem» em não deixar fugir. E' esta a minha opinião e, francamente, desejo um dia saber se me enganei...»

A figura-se-me esta resposta a mais sen-

— principia — é, como todas as mulheres, um ser normal e equilibrado; por consequencia deve renunciar ás alegrias mais nobres e sagradas da mulher: a de esposa e de mãe? Ser uma boa atriz não exclue ser boa mulher. Quanto á escolha do marido... o coração é que manda. Entendo, porém que deve ser um artista. A identidade do ideal das lutas a sustentar e das esperanças a acariciar apertará ainda o indissolúvel nó...»

Stephí Csillag, a endiabrada e *mignone* artista de opereta, de inexgotavel veia comica e singular originalidade afirma que não admite distincção entre a mulher atriz e não atriz. Casar, sim, mas por amor! E não póde dizer

mais — «acrescenta» — porque não tem marido».

Está, porém, ainda muito a tempo de o arranjar...

Azucena dalla Porta, aita, insinuante, vivaz, formosa e elegantissima é concisa mas eloquente.

«A actriz — escreve — perde, quando casada, a maior parte dos seus atractivos perante o publico e não pode dedicar-se á familia».

Logo... é melhor ficar solteira.

Azucena dalla Porta afasta assim, com «coquetterie», a alegria dos seus admiradores que, porventura aspirem a escruval-a, conduzindo-a ao altar.

E' uma despedida que lhes faculta uma retirada em ordem.



1. Giannina Chiantoni. — 2. Emma Necla. — 3. Clara Della Guardia. — 4. Virginia Ruter.

sata de todas quantas já registámos — a mais sensata — para que negal-o? — a mais franca.

Giannina Chiantoni, porque é casada, fala com experiencia — e «a experiencia é a mestra da vida».

«Uma atriz

Roma.

E. G.



A VIDA A BORDO

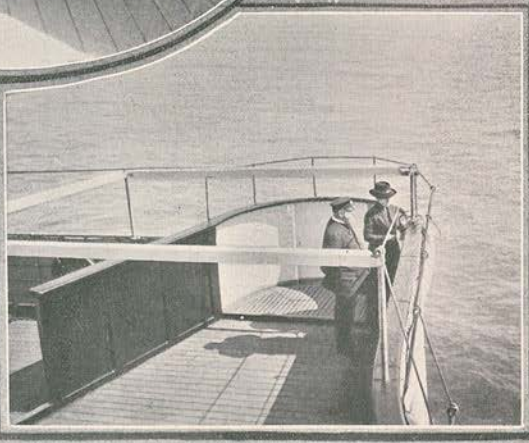


jarras de flores, que a higiene manda pôr fóra do quarto antes de nos deitarmos. Subi tres pavimentos e achei-me em contacto com o ar livre, mais húmido que frio. Alonguei a vista por bombardeio; já se deviam ver as costas de Portugal; mas o navio singrava de largo, ocupando o centro de um círculo de mar, limitado por uma orla quasi toda cinzenta, menos do lado do nascente, já enlaivado de róxo. Não sei se o comandante se afastara de noite do

Uma carta interrompida para se tomar um pouco de esposas

Ainda não era sol fóra, quando saí da cama, uma bela cama, fófa, ampla, com roupas finissimas, instalada n'um quarto luxuoso de 6 metros quadrados. Eu que nunca dormi a bordo senão n'uma d'essas gavetas, a que chamam beliches, acanhadas, incomodas, dispostas no camarote como as divisões horizontaes de um jazigo, dormi ali, como em minha casa, e ergui-me satisfeito com umas horas de sono. No largo e longo corredor, que tive de percorrer até á escada principal, um corredor de 40 metros, não encontrei ninguém.

Nos vestibulos transversaes para onde deitam as portas dos camarotes, viam-se ainda uma infinidade de sapatos de todos os tamanhos e feitios e a contrastar com eles, tambem poisadas no chão,



Os que pensam mais do que conversam

black coast, com que ainda nos mimoseiam algumas cartas, apesar da costa portugueza estar hoje sofrivelmente iluminada.

Lembrei-me dos jornaes. A sua leitura logo de manhã é um vício; mas tive felizmente com

que substituiu-a. Fui ler os radiogramas. Do mar não havia novidade; quer no rumo norte, quer no sul, todos os navios seguiam bem, e de terra também as ondas hertzianas nada haviam trazido de sensacional durante a noite.

Satisfeita a curiosidade, resolvi dar um grande passeio, vendo o mais que pudesse do *Cap Trafalgar*. Num dia não ha ninguém que o percorra. Andam-se n'ele kilometros, sem ter de calcular monotona-mente o mesmo sitio e encontrando-se aspéto sempre novos. Mas eu precisava de tomar alguma coisa de preventivo e de confortante antes de me meter a caminho. O primeiro almoço começava ás

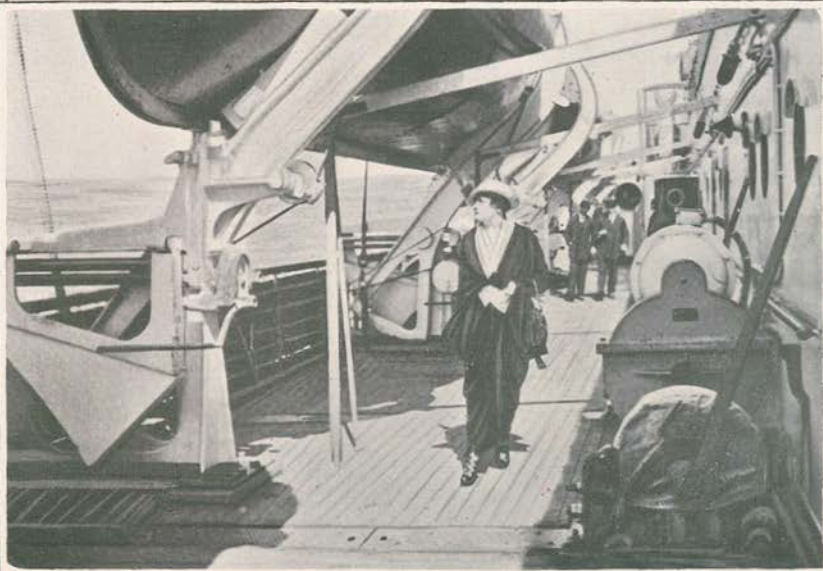


O importante industrial de Lisboa, sr. James Gilman n'um dos grupos mais alegres de bordo.

8 horas, e ainda mal passava das seis. Lembrei-me do *grillroom*, uma grande inovação a bordo. Ali encontra-se pronto, seja a que horas fór, de comer e de beber, o que já não acontece em terra aos madrugadores, que tem de fazer horas primeiro que encontrem nos *restaurants* que almoçar.

Por onde eu passava, só se via fazer limpeza. Uns arravam, outros esfregavam; estes varriam, aqueles lavavam a grandes jactos de agua.

Atravesseto-da aquela faina, tão equal, tão certa, tão bem combinada, como se fosse um mecanismo, sem apanhar com um pingo d'agua sequer ou uma pitada de lixo, lembrando-me com horror das nos-



Tambem a bordo a elegancia feminina gosa os seus triunfos de «boulevard»

sas vassouras e mangueiras municipais. Depois de muitas voltas fui parar á 3.^a classe. Interessava-me a sorte d'aquelas trezentas creaturas, embarcadas em Vigo ás 10 horas

se com os rapazes, rindo e conversando; os homens de mais idade, indolentemente sentados, tiravam longas fumaças dos seus cigarros e cachimbos, com olhos cromaticos fi-



Começam os passageiros a instalar-se comodamente no convex depois do almoço

da noite anterior. Que conforto, que especie de agasalho dariam aos pobres emigrantes, que se assemelhasse á instalação dos passageiros de primeira e mesmo de segunda? Quando cheguei lá, aquelle curioso bairro já estava em movimento. Os hespenhoes com os emigrantes que vinham do norte formavam um conjunto pitoresco. As mulheres ocupavam-se, umas de pôr as coisas em ordem, outras do arranjo dos filhos; as raparigas agrupavam-

xos no horisonte, enquanto a pequenada, já lavada e pronta, retouçava alegre como no terreiro da aldeia.

Compartimentos arejados, belas camas, tinas para banhos, comida abundante, etc., no meio de tudo isso aquella gente não parece lembrar-se do que deixou nem preocupar-se com o que a espera, havendo até um grupo que cercava com aplausos um par dançante aos sons menos mal casados do harmonio e da pandeireta.

E eu voltei,



A prôa do «Cap Trafalgar» é tambem um belo passeio para os passageiros de 3.^a classe



Outros que preferem a tranquilidade depois do almoço.



filosofando, portas a dentro, sobre os quadros sombrios da emigração e o dique que se lhe pretende pôr, encontrando na volta já acordada e em traje de passeio toda a cidade flutuante, formigando pelas cobertas, escadarias, salões, salas, jardim de inverno, enfim por esse vasto campo de liberdade, que até um passageiro do Brazil não chega de certo a conhecer bem durante a travessia do Atlantico.

Eram quasi horas de almoço, 1 hora apontada no relógio de bordo, a saudosa hora meridiana, que hoje se chama entre nós faticamente *treze*, adicionada ainda por cima de 37 minutos. Em que gastei eu tanto tempo? Não sei; so sei que não me aborreci,



que vi sempre coisas novas e que senti depois desejos de voltar a fazer a mesma caminhada.

O salão, onde se almoça e janta, é vastissimo e abrange a altura de dois andares. Sustentam-lhe o teto grandes colunas de um lavor delicadissimo como todo ele; illuminam-no largas janelas de sacada, cujos vidros foscos podem fazer presumir que eia; deitam para ruas ou para jardins. Leva centenas de comensaes e tem contiguas duas salas mais pequenas, com communicões interiores, onde comem as creanças acompanhadas das *bonnes*, não sendo raro ouvir através das portas o chilrear deliciosamente alegre dos pequeninos nas intermitencias



Vendo os navios que passam holoçando fortemente no mar agitado, enquanto o «Cap Trafalgar» caminha sereno e magestoso.



Um bar, que é interrompido no seu idillio, põe-se a contemplar o horizonte sem prestar attenção ao que lhe diz a impertinencia.



5. Uma carta muito pensada e que se finge continuar a escrever sob a objectiva

3. O «Cap Trafalgar»
4. O barco da piloto chegando ao «Cap Trafalgar»

6. Cartas que devem ser lançadas em Lisboa, à chegada do navio, talvez com destinos bem diferentes.

dos trechos classicos, tocados pela orquestra na sua artistica galeria.

Ao irrequietismo dos passageiros antes do almoço, succede depois d'este um periodo de quietação, menos para alguns que entendem só fazer uma digestão boa, marchando a largos passos de um lado para o outro, ou reunindo-se em grupos a conversar e a rir.

envidraçados das cobertas quasi ninguem fica, ja não serem aqueles que represam lagrimas de saudade durante o bulicio do dia, que não permite tristezas nem isolamentos, e á noite lhes dão livre curso debruçados na amurada. Iluminam-se os salões, as escadas, os corredores. Não ha um recanto a que não chegue a luz electrica. O *Cap Trafalgar* parece um

dos decantados palacios das *Mil e uma noites*. Homens e senhoras deixaram os seus vestuarios de passeio e appareceram trajando rigorosa etiqueta para o jantar. A pragmatica a bordo dos grandes paquetes é hoje uma lei inexoravel. Como tudo aquilo é distinto e elegante! E á fascinação das luzes junta-se a emoção de uma musica deliciosa. Ouve-se musica ao jantar, ouve-se musica por todas as salas, onde, depois de jantar, se dança, joga, bebe e conversa. Até perto do meu camarote, ao fundo de um corredor de 40 me-



Surpreendidos por Benoit!

A' medida que iam subindo para o convez, estendiam-se e recostavam-se comodamente em *chaises-longues*, notando-se entre as senhoras algumas a quem a vida de bordo põe mais á vontade e aquela posição ainda accentua mais os efeitos da sala curta e apertada. E os sedentarios conservavam-se assim horas, n'uma quietude de estatuas, entroolhando-se sem expressão, sem reflexo do menor sentimento intimo, ou alongando o olhar vago pelo mar.

Outras senhoras ha que lêem, escrevem, meditam, conservando a sua linha adoravelmente recatada; e não é raro verem se algumas desenhando e até bordando n'uma tocante simplicidade de vida domestica, improvisada sobre as ondas. Ali, como em terra, tambem se surpreendem pares que se esquivam habilmente dos grandes centros de reunião e dos locais concorridos, abalando para os mirantes ou refugiando-se, não sob a sombra das arvores, mas das balleiras penduradas nos turcos. E não deixaremos, por ultimo, de frisar essas figuras elegantes de mulher que preferem andar só, atravessando com ar risonho de soberania as alas que se lhes abrem reverentes ou derretidas na passagem.

Com a queda da noite, a vida exterior do navio esmorece completamente. Mesmo nos grandes passelos



O trecho de uma sala elegantissima—(«Cliches» de Benoit!)

tros, quando eu julgava recolher a um burgo dormente e silencioso, fiquei extatico aos sons dolentes de um *nocturno*, desferidos n'um violino e filtrando-se pela porta entreaberta de outro camarote, com a suavidade dos perfumes de uma alma saudosa, que se evolvam nas espiras de um sonho.

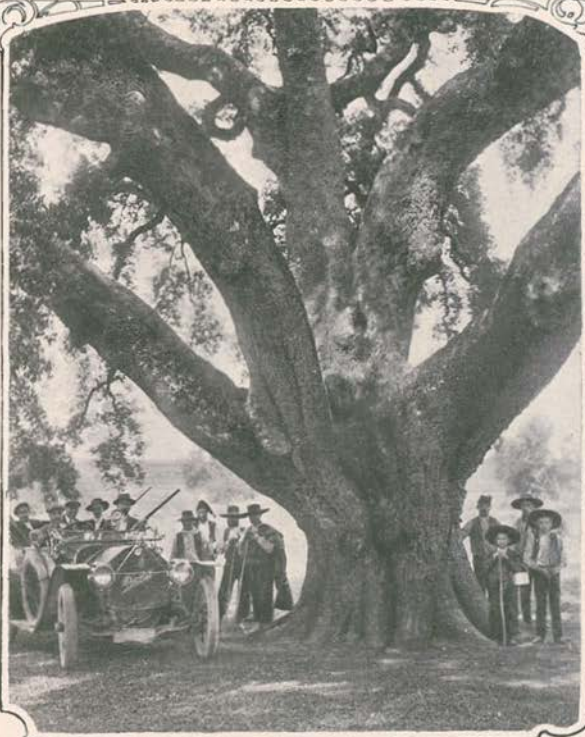
Realmente, iremos sobre o mar?! Só se acredita, saindo d'aquelle palacio fantastico, prescrutando a imensidade que nos vae em volta e applicando o ouvido ao espandano cadenciado das tres poderosas helices do *Cap Trafalgar* que vae deixando uma larga esteira revoltta de crisiaes de cromo e de prata sob os raios do mais formoso luar.

UMA AZINHEIRA COLOSSAL

Nada mais atraente que uma arvore gigantesca cujos ramos se abrem como um largo abrigo e cuja altura dá a impressão d'um grandioso edificio á sombra do qual se podem recolher muitos homens.

Em Portugal ha arvores gigantescas como a ainda ha pouco a *Illustração Portuguesa* o marcou publicando algumas fotografias de exemplares colossaes.

Hoje reproduzimos u ma outra azinheira de grandes dimensões e que pertence ao abas-



Os grandes troncos da arvore

tado proprietario sr. Francisco de Sales Fernandes Gião, de Reguengos de Monsaraz e existe na herdade denominada a Pecena.

O tronco tem 8 metros de grossura na parte inferior e 6^m,60 na parte superior, a circumferencia da ramagem 106 metros a perna direita 3^m,70, a da esquerda 4^m,40 e a do centro, 5 metros e 30. A' sombra da arvore estão do lado direito 101 porcos, do lado esquerdo 956 ovelhas, o automovel e as pessoas.



A ramagem

A festa da arvore

No Porto e na Provincia

Em todas as freguezias do Porto as festas da arvore foram revestidas d'uma grande magnificencia. As crean-

receu-se um lunche aos pequenitos, em Gaia organisou-se um cortejo que foi ás Devezas e d'ali a Coimbrões, na Foz



1. A plantação da arvore no Jardim da escola central de Cedofeita.—2. Na Senhora da Hora: O cortejo em marcha.

ças das escolas com o maior entusiasmo acompanhado pelas pessoas das suas familias dirigiram-se para o lugar onde se formava o cortejo. Em Campanhã houve uma allocução e um concerto; em Santo Ildefonso ofe-



em Lordelo d'Ouro e em Paranhos tambem as ceremonias foram importantes. A capital do norte e os seus arrabaldes fizeram, pois, condignamente a festa da arvore dando-lhe todo o brilho que esta iniciativa merece.

3. Nas Devezas, Gaia: Carro de Lavoura conduzindo as arvores.

(«Clichés» Alvaro Martins).

EM SANTAREM



1. Festa da arvore: Guarda d'honra á bandeira das escolas no ato da plantação.—2. No ato da plantação da arvore

Santarem foi das cidades do paiz onde a festa da arvore teve uma das mais belas celebrações. Organizou-se um cortejo no jardim da Republica indo para o largo dos Capuchos onde cento e cincoenta creanças entoaram a *Portuguezua* e a professora sr.^a D. Henriqueta Faria fez um belo discurso sendo plantada a arvore.



3. Organização do cortejo no Jardim da Republica

Tambem o professor sr. Monteiro Neves louvou a iniciativa do *Seculo Agricola* e o orfeon cantou a *Sementeira* sendo depois oferecido um abundante lanche aos pequenos estudantes. A's senhoras que serviram o lanche foram tambem oferecidos *bouquets* e tres poesias do sr. Avelino de Souza lindamente impressas.



4. Na Avenida da Liberdade onde foram plantadas as cinco amoreiras oferecidas pelo «Seculo Agricola» (Fotografias do distinto amator capitão medico sr. dr. Santos Guerreiro).

EM ELVAS E EXTREMOZ



1. A festa da arvore em Elvas: A chegada do cortejo ao Jardim.
(Clichê do distinto amador sr. Manuel Caiola)

Em Elvas tambem a festa da arvore foi revestida do maior brilhantismo havendo saraus e reuniões depois da plantação pelas creanças das escolas o que decorreu no meio do maior entusiasmo.



2. A menina Celeste Caiola, na «matinée» do Club Eborense, vestida de Barquiereiro. 3. Menina Estela Caiola na «matinée» do Club Eborense vestida de Padeiro.



4. A festa da arvore em Extremoz: O carro inspirado sobre os versos dos «Simples» de Guerra Junqueiro.—5. Carro alegorico que tomou parte na festa da arvore em Extremoz e que foram ornamentados pelo distinto cenógrafo sr. Manuel Raio.

CASTELO BRANCO



No campo de Montalvão: Um trecho da assistência.



No campo de Montalvão: Salés deitando gasolina no aeroplano. — (Fotografias do distinto amador sr. Antonio Abruñosa expressamente tiradas para a *Ilustração Portuguesa*)



Antes da subida de Salés: Sentada no fundo a esposa do aviador

O *Seculo Agricola* distribuiu arvores para serem plantadas em diversos pontos do paiz e para Castelo Branco foram enviadas trinta e uma. Mais de quinhentas creanças se incorporaram no cortejo indo tambem as autoridades, professora-do, as associações commerciaes, industriaes e de classe, bandas de musica e muito povo.

No largo da Deveza é que foram plantadas as arvores sendo cantado o «Hino das Escolas» e falando o professor sr. Moreira de Souza, o inspe-

tor sr. Albano Ramalho elogiando ambos em termos bem merecidos a iniciativa do brilhante semanario agricola e o apoio valiosissimo como meio de propaganda do *Seculo*.

Acabada a plantação das vinte e uma arvores de novo o cortejo se poz em marcha para a escola central onde se serviu o lanche.

O aviador Salés fez alguns evoluções no seu aeroplano sendo muito aclamada pela assistência.

A comissão que levou a cabo esta festa com tanto brilho era composta por distintos professores e alguns membros da melhor sociedade de Castelo Branco.



O aviador Salés

Na Guarda e S. Martinho do Porto



A plantação da árvore na Guarda

(«Clichés» Aires).



2. Uma carroça nas Matas carregada de árvores.—(«Cliché» do distinto fotógrafo sr. Joaquim Marques de Sousa.—3. Em S. Martinho do Porto: O carro das escolas.—4. Em S. Martinho do Porto: O cortejo em marcha.

EM VIANA DO CASTELO

Em Viana do Castelo a festa da arvore teve o concurso de todas as autoridades civis e militares, escolas officiaes e particulares. No Campo da Agonia foram

nição da cidade tambem tomaram parte n'essa encantadora cerimonia em que foi exaltado o culto da arvore que o *Seculo Agricola* tanto tem propagandeado.



plantadas duas laranjeiras e duas cerejeiras tendo assistido imenso povo. Falaram o alferes sr. Alpedrinha e o sr. dr. Rodrigo Abreu sendo o cortejo dirigido pelo capitão sr. Malheiro. As tropas da guar-



1. O alferes sr. Alpedrinha, discursando.—2. Plantação d'uma arvore pelos alunos da escola central.—3. Plantação d'uma arvore pelas alunas da escola central.—4. As creanças das escolas cantando.

(«Clichês» do distinto amator sr. tenente Mamede).



1. Pinhel—Val-de-Madreja: A plantação da arvore no largo da igreja.—(Clichê gentilmente oferecido pelo amator A. A. da Silva)
 2. Em Matosinhos: Desfile do cortejo civico do Padrão da Legua—(Clichê da Fotografia Moderna do Porto)
 3. A festa da arvore em Castanheira de Pera.

Exposição José Campas

A exposição José Campas que chamou ao salão da *Ilusão Portuguesa* uma sociedade seleta e elegante foi das mais interessantes até hoje ali instaladas.

O artista acusa de dia para dia mais progressos e d'esta vez teve o cuidado de dar trechos da terra portuguesa que serão, para o publico brasileiro e argentino a que os destina, motivos de admiração assim como o serão de saudade para alguns dos nossos compatriotas residentes n'aquelas republicas.

Durante mezes, José Campas, habituado á vida das escolas de Paris, aos ateliers, ao tumulto, andou pela nossa calma provincia instalando-se diante dos logares pitorescos, das paisagens ver-



A volta da venda
(Cabeça de Montachique).

des, das claras aguas dos rios, olhando os campanarios românticos, as faces tranquilas dos camponios, os haveres e as cousas e n'um contacto intimo com a natureza conseguiu fixar os mais encantadores e variados aspetos.

Os que visitaram essa exposição tiveram momentos de verdadeiro prazer deante des telas que o artista impressionou com a sua maneira já bem distinta, acusadora de progressos notaveis.

A pintura de José Campas não tem a pretensão de atrair pelo exotismo como é monomania de muitos novos que chegam procurando fazer falar de si sem se importar com os meios.

Tem uma forma calma, uma visão



Perspetiva do Tejo (Constancia).

nitida dos detalhes dando com uma maravilhosa maneira os campos largos em perspectivas formosas.

Essa perspectiva do Tejo, em Constança, é um dos mais belos trabalhos no genero, assim como é interessantemente colorido o quadro dos «Efeitos da Trovoada no «Zezere», o panorama



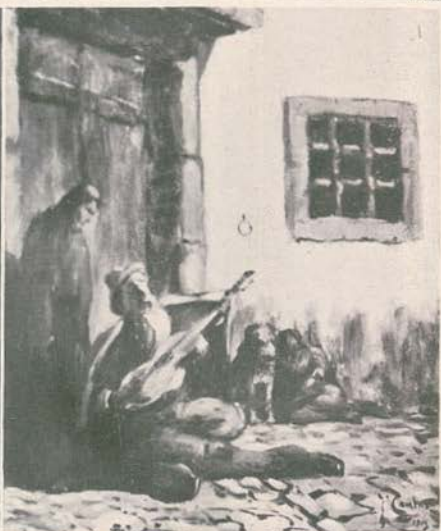
Nostalgia

do quadro tornam-no um dos melhores bocados d'essa exposição.

Tambem a região de Entre-os-Rios mereceu ao artista cuidados sem par destacando-se entre outros quadros os que se intitulam «Bois teimosos», «Na Eira», «Caldo Verde», «Apanhando grilos» e outros.



Bois teimosos



Coplas
Sem luz, sem pão, sem abrigo

de «Vale de Vaqueiros» e as «Margens do Nabão». Toda essa região pitoresca é tratada com cuidados extremos marcando-se como uma tela mimosa os «Meus Enlevos» que é uma lindíssima figurita de rapariga acariciando um gatinho encantador. A expressão do rosto, o gesto, o ar candido que se evolva



Na Eira (Entre-os-Rios).

Os bairros do Porto foram fixados nas telas de José Campas com uma verdadeira visão artistica sendo curiosissima a que se refere «Ao Douro e á Cidade» e a «Perspetiva do Douro» é como todos os trabalhos do artista n'esse genero uma esplendida impressão.

«O Largodos Grilos», «O

mercado da Ribeira», «Os arcos da Ribeira», «Efeitos de Luz», «A quinta da China», que fica no arrabalde, em Campanhã, «A praia de Carreiros, na Foz, e o «Douro», no Areinho são com a «pochade» do «Dia de Festa» no Areinho, outros tantos quadros dignos de nota.

Fóra d'estas regiões o artista tratou ainda diversos assuntos como os «Trechos de Fon-



Trovoada no Zezere (Constancia).

tainebleau», «Cenas de Cabaret», em Paris. «A sesta», «Lutando pela vida», «Casas seculares» e «Poente».

O Brazil e a Argentina vão ter ocasião de ver os trabalhos do nosso compatriota que o publico de Lisboa tanto aplaudiu e a colonia portugueza n'esses grandes paizes vaediante d'esses quadros evocar saudosamente a patria.



2. Um aspecto da exposição.—3. Cigana.—4. Filho adotivo.

(«Clichés» Benollel)

Figuras e Factos



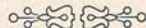
Sr. dr. Velozo Rebelo, encarregado de negocios do Brazil em Portugal depois de ter apresentado ao chefe d'Estado o capitão de corveta sr. Rodolfo Alvarim, adido naval brasileiro em Lisboa.



O illustre diplomata brasileiro sr. Regis de Oliveira nomeado embaixador do Brazil em Portugal.

O novo embaixador do Brazil em Lisboa é o sr. Regis d'Oliveira, um dos mais illustres diplomatas do seu paiz e que exercia o cargo de director geral do ministerio dos negocios estrangeiros quando foi nomeado para o alto cargo que vem desempenhar entre nós.

No proximo mez o sr. Regis d'Oliveira apresentará as suas credenciaes ao chefe d'Estado.



Foram feitas algumas nomeações para altos cargos do exercito entre os quaes se destacam as do general sr. Firmino do Vale para comandante da 1.^a divisão, a do general sr. Jaime Leitão de



3. Coronel sr. Macedo e Brito, nomeado comandante militar dos Açores. — 4. General sr. Firmino do Vale, novo comandante da 1.^a divisão militar. — 5. General sr. Jaime Leitão de Castro, novo comandante da 7.^a divisão militar.

Castro para comandante da 7.^a divisão e do coronel sr. Macedo e Brito para comandante militar dos Açores, nomeações que foram muito bem recebidas nos meios militares.



6. O ator Antonio Pinheiro, que acaba de se retirar do teatro. — 7. Sr. Paulino de Oliveira, conselheiro de Portugal em S. Paulo (Brazil) onde faleceu. — 8. O autor dramático sr. Xavier Marques, falecido em Lisboa. — 9. Sr. Domingos Luiz da Rocha, falecido em Lisboa. — 10. Sr. Vicente Barilo, delegado da «Internacional» e que esteve em Lisboa.

O ilustre escritor Antero de Figueiredo, cujos trabalhos são sempre recebidos pelo publico com um grande interesse e por vezes com ruído succeso como a sua obra «Comicos», publicou a 2.ª edição do livro «D. Pedro e D. Inez» que lança uma luz intensa sobre esse drama sombrio de passado que tantas penas brilhantes tem tentado.



Sr. Antero de Figueiredo,
autor do livro
«D. Pedro e D. Inez»



Sr. João de Barros, autor
do livro
«A Republica e a Escola»

O ilustre poeta sr. João de Barros, que é ao mesmo tempo um dos maiores propagandistas da instrução em Portugal, acaba de publicar um volume em que trata largamente da educação popular e que se intitula «A Republica e a Escola». Como todos os trabalhos de João de Barros o seu ultimo livro alcançou um grande exito.

O orfeon a ca demico do liceu Pedro Nunes realisou ha dias a sua festa com um grande brilhantismo tendo assistido muitas senhoras que aplaudiram com entusiasmo os jovens estudantes.



Orfeon do Liceu Pedro Nunes

O vapor «Arrabida» naufragou em frente da praia da Junqueira, na ponta de Rana, Carcavelos, não tendo percido a sua tripulação devido aos esforços dos marinheiros dos salvavidas de Paço d'Arcos e Cascaes.



O naufragio do vapor «Arrabida» que encalhou na Ponta da Rana



No Republica: «Razão mais fortes»—A atriz Emília d'Oliveira e os atores Brazão e Chaby

NO TEATRO POLITEAMA :

«Do Sol á Estrela»

Do Sol á Estrela que o Politeama tem em cena, em espetáculos por sessões, fornece excelente pretexto para a apresentação pela atriz Cremilda d'Oliveira de duas ou tres curiosas caricaturas, entre as quaes destacaremos a *Dama Talassa* que, no genero, é uma *trouaille*. É pena que esta atriz não possa estar sempre em cena, animando com a sua graça endiabrada os quatro ou cinco quadros da revista, em que, por vezes, ha notas apreciaveis de observação, alguma cor e movimento.

(Clichés de Benoitel)



A atriz Cremilda d'Oliveira e o ator Sales Ribeiro, dançando a «Furlana», na revista «Do Sol á Estrela»

NO TEATRO REPUBLICA :

«Razão mais forte»

É uma peça, com um pequeno conflito moral e sentimental, em que dois autores, aplaudidos no genero alegre, se estrearam no teatro de comocção. Obra honestamente conduzida, terna, rapida, honra evidentemente os nomes dos srs. Chagas Roquete e Alvaro Lima.

Sobre o conflito moral da peça e a solução que os autores lhe deram, vimos alguns criticos esboçar duvidas. Isso só prova que o motivo sentimental da *Razão mais forte* é interessante—e que os dois escriptores o abordaram com sinceridade e confiança.



Um côro no 1.º quadro do 2.º ato da revista «Do Sol á Estrela», cenario de E. Reis, roupas de Castelo Branco.

Sabonete preparado
com os saes das Aguas



de **Vizella**

o melhor para a pelle

Direitamente da Suíssa
sederias



Peçam as amostras das nossas novidades de primavera e verão com figurinos para vestidos e blusas: Crêpe, Estampados, Duqueza, Chinez, Crêpes da China, Musselina suíssa desde Francos 1.25 o metro, em preto, branco e cor.

Vendemos as nossas sedas de so'Idre garantida directamente aos particulares e franco de porte ao domicilio.

Schweizer & Co, Lucerne E II (Suíssa)
Exportação de s. d. e.

Gold-Crème Albert Simon

Com selo VITERI. O mais perfeito artigo de toilette, branqueia, perfuma e amacia a pele. Tira os cravos, pontos negros, borbulhas, cieiro, pano, vermelhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis Para fóra acrescemos os portes.

PEDIDOS AO DEPOSITO:

VICENTE RIBEIRO & C.ª—84, Rua dos Fanqueiros, 1.º—LISBOA




A "PHOSPHATINA FALIÈRES"

é o alimento mais agradável e recomendado para as crianças desde a idade de 7 a 8 mezes principalmente na época do desmamamento e durante o periodo do desenvolvimento. Facilita a digestão e assegura a boa formação dos ossos, Impede a diarrhêa, tão frequente nas crianças.

PARIS, 6, Rue de la Tacherie, e em todas as PHARMACIAS e BOAS MERCERIAS.

SELOS EXTRANGEIROS GRATIS!

A cada colecionador que nos envie 50 réis em estampilhas portuguesas não usadas, ENVIAREMOS na volta do correio 100 SELOS DIFERENTES ou, se o preferirem, uma valiosa serie de 10 SELOS CHINEZES, mencionados no n.º 15 da 10.ª edição, que acaba de sair do A. B. C. ILLUSTRATED PRICED CATALOGUE OF WORLD'S STAMPS para 1914, 500 paginas, 600 Illustrações, 850 réis, franco de porte, que devem ser remetidos em vale de correio.

OFERTA ESPECIAL: 250 selos diferentes das colonias, por 2.000 réis, franco de porte.

BRIGHT & SON
164, Strand, London, W. C., Inglaterra

**Companhia do
Papel do Prado**

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispoño dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações espciaes de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de f. rma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais.—Escritorios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princesa, 276 PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**
Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

**POUDRE
GERMANDREE**

Secret
de beauté

Pour embellir soigner
l'epauz adrenerce soigner
le discret. Parfumerie Ideal



MIGNOT BOUCHER Parfumeur 19, rue Vivienne PARIS

**FRIO da
—BELLEZA**

POS para embelezar e cutis.
POS em folhas adherentes em forma pratica.
CREME para preservar e suavizar a pelle.

A VENDA EM TODAS AS PERFUMARIAS
ELEGANTES DE PORTUGAL

MIGNOT-BOUCHER
19 Rue Vivienne Paris

Tuberculose,

cancro, anemia, flôres brancas, linfatis-mo; raquitismo, es-crófulas, crescimen-to irregular; fastio, azia; magreza, pa-lidez, debilidade, prostração física; fa-diga cerebral, doen-ças mentaes, insom-nia, neurastenia; as-ma; bronquites cro-nicas; gripe, paludis-mo, diabetes; suores noturnos, perdas se-minaes; conva-les-cença; e em geral *to-dos os casos contra que se empregava até agora o HISTO-GENE*, as emulsões, o ferro, as pastilhas para gente palida, kolas, gli-cerofosfatos, etc.



CURAM-SE RAPIDAMENTE

COM O ***Histogenol NALINE***

(o antigo *Histogène* aperfeiçoado pelo Dr. A. Mouneyrat, da Academia de Paris)
(NO INTUITO DE ASSEGURAR EFEITOS MAIS RAPIDOS)

Em qualquer das fôrmas—**ELIXIR, GRANULADO, AMPOLAS E PASTILHAS**. Salvo ou-tra indicação medica, *Usar de preferencia o elixir.*

PODE USAR-SE TANTO DE INVERNO COMO DE VERÃO

E' O MELHOR REVIGORADOR CONHECIDO

Na impossibilidade de analisar todos os frascos de *origem duvidosa*, **SÓ CONSIDERO VERDADEIRO PARA A VENDA EM PORTUGAL E SUAS COLONIAS** o que tiver sobre bre cada frasco o selo—VITERI—devendo comprar só onde o tenham n'estas condições e no

Deposito geral **VIRENTE RIBEIRO & C.^A**
84, RUA DOS FANQUEIROS, 1.º LISBOA—Telef. 2:455

Frasco 1\$700; meio frasco, 950

A VENDA NAS
PRINCIPAES FARMACIAS E DROGARIAS